

ARQUITETURA INDÍGENA BRASILEIRA: DA DESCOBERTA AOS DIAS ATUAIS

Bernardo Castello Branco*

RESUMO: Esta comunicação pretende resgatar pesquisas e anotações desenvolvidas na FAU-USP enquanto professor de História da Arquitetura Brasileira. A abordagem é uma apreciação histórica e antropológica da arquitetura das nossas diferentes nações indígenas, esperando estimular o tema por ocasião das comemorações em 1992, 500º ano da descoberta da América.

Como arquiteto gostaria de apresentar aqui no “América 92” apenas um depoimento, sobre este tema instigante: “Arquitetura indígena brasileira, da descoberta aos dias atuais”, uma proposição que fiz e reconheço ser abrangente demais.

Quero utilizar certas palavras: estimular para os jovens arquitetos e animar ou atizar para os antropólogos para retomarem os estudos que já existem ou iniciarem novos estudos interdisciplinares que possam resultar em valores mútuos lado a lado, sem os conhecidos ciúmes nestas duas áreas, entre o “trabalho de campo do antropólogo” e o “canteiro de obras” do arquiteto.

Isto fica colocado à respeito de toda a arquitetura indígena americana pré-colombiana, pré-cabralina e histórica brasileira.

Edward Burnet Taylor, no fim do século passado, em *Primitive Culture*, definiu [parece-me que pela primeira vez] o caráter complexo de cultura, que vai de “religião, língua, ... a todas as estruturas materiais de civilização”, e no capítulo X — Artes úteis — do seu livro *Antropologia*, vai mais adiante dizendo: “Examinemos agora as moradas do gênero humano. Pensando nos ninhos dos pássaros, nos diques dos castores, nas plataformas das árvores em que vivem os macacos, apenas pode conceber-se que tenha havido uma época em que

* CONDEPHAAT.

o homem fosse inábil para construir uma 'guarida', contra a intempérie..." (guarida, digo, palavra de origem gótica, do verbo curar, sanar, que significa abrigo, refúgio, proteção; palavra próxima da militar "guarita": abrigo da sentinela. Descreverá mais adiante habitações dos "puris", "botocudos" e "pataches" (*sic*, edição espanhola de 1912).

Parece-me, no entanto, que os valores das nossas casas, habitações, moradas ou guaridas indígenas e as suas circulares praças sempre foram mal aproveitadas, não suficiente sentidas, interpretadas, valorizadas, devido à ocidentalização imposta às culturas nativas e à sua destruição. Referem-se, no entanto, os jesuítas ao construírem suas aldeias, ao uso de estruturas e coberturas tomadas dos índios, com os quais aprenderam para poderem se instalar e depois catequisar.

Passei, assim, como arquiteto, por contigüidade, a me interessar por várias áreas interdisciplinares, paralelas, sempre: a arqueologia, a antropologia, geografia, sociologia, para melhor formação e atividade profissional, além de muitas outras ciências; lembrando, sempre, que Plótino (Egito, 205-270) em um dos seus Tratados, sobre as artes e as profissões, dizia que a arquitetura é por excelência *didática*, tanto ao que ensina e ao que aprende no canteiro de obras. Desde o desenho ao corte e colocação das pedras. Nesta sequência de interdisciplinidades os arquitetos sempre procuram o apoio de outras ciências, artes e técnicas, incluindo-se aqui o estudo da ecologia.

Poucos anos depois de ter começado a lecionar História da Arquitetura Brasileira na FAU-USP, propus numa reunião do Departamento de História que se destinasse ao menos dois ou quatro módulos para o estudo, pesquisa e desenho da "Arquitetura Indígena Brasileira" e o seu aproveitamento. O meu espanto foi quando um respeitável colega me perguntou: — *índio tem por acaso arquitetura?*

Toda a nossa formação tradicional, ocidental, considera arquitetura (palavra sacralizada) o que tem procedência ou precedência clássica, greco-romana, principalmente, construída com nobres materiais; isto é o que penso e quero relatar: nobres materiais, colunas dóricas, jônicas ou coríntias, desde que construídas em mármore.

Divido, agora, para tornar mais clara a exposição e por uma ques-

tão de métodos as minhas preocupações quanto à habitação indígena em relação à tectônica e valores ambientais (fica claro que não uso simplesmente o termo 'meio-ambiente'), divido em quatro linhas principais, assim, os estudos que a trataram ou deixaram documentação:

1) Os cronistas e escrivãos dos séculos XVI e XVII pegaram quase o Brasil inteiro, particularmente quanto às áreas que estavam sendo colonizadas e evangelizadas. O documento escrito mais antigo, é a carta de Pero Vaz de Caminha. Ele demonstra a preocupação que tiveram os portugueses quanto à maneira de morar dos nossos índios. No domingo, dia 26 de abril de 1500 o degredado Afonso Ribeiro "Disse que não vira lá entre eles senão umas choupanhinhas de rama verde e de fetos muitos grandes, como de Entre Doiro e Minho". Na segunda feira, dia 27, já descubrem algo mais importante: "foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia. Eram de madeira, e as ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura; todas duma só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios; e, de esteio a esteio, uma rede atada pelos, alta, em que dormiam. Debaixo, para se aguentarem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma no cabo, e outra no outro." "Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam".

Esta descrição, feita a partir de relatos daqueles que contataram este primeiro povoado, em Porto Seguro, corresponderá bastante a texto do padre jesuíta Fernão Cardim, escrivão do padre visitador da Companhia Christovão Gouvêa, que chegou à Bahia em 1583, e escreveu três Tratados: "Do Clima e Terra do Brasil, Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil e a Narrativa Epistolar" (*Tratados da terra e gente do Brasil*, edição de 1925), dos quais reproduzo um trecho: "Moravam os índios antes da sua conversão em aldêas em umas ocas ou casas mui compridas de duzentos, trezentos ou quatrocentos palmos, e cinquenta em largo, pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão, cobertas de pindoba, que é certo gênero de palma que veda bem a água e dura três ou quatro anos. Cada casa destas tem

dois ou três buracos sem portas nem fechos: dentro nelas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram duma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em *comunidade*, e entretanto na casa se vê quanto nela está... E como a gente é muita, costumam ter fogo dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa e eles são mui coitados sem fogo...”

Parece-me que o padre Cardim fez pela primeira vez uma descrição arquitetônica, antropológica, cultural da habitação indígena brasileira, na região da aldeia do Espírito Santo.

Neste primeiro período os diários de bordo se referem quase que exclusivamente a fenômenos naturais, geográficos, climáticos, ligados às medições e problemas de pilotagem.

Um pouco atrás (1548) o artilheiro alemão Hans Staden chega ao Brasil e deixaria um precioso documento, com várias xilogravuras: “Meu cativo entre os selvagens do Brasil”, onde se pode já visualizar graficamente, as casas, pátios, paliçadas, canoas dos tupinambá.

No começo do século XVII a importante presença em Pernambuco do Príncipe Maurício de Nassau trouxe dois sábios, o alemão Jorge Marcgrave de Liebstade e o holandês Guilherme Piso que publicam em 1648 a *História Naturalis Brasiliae*, na qual há preciosas e científicas informações *dos ares, das águas e dos lugares do Brasil...* com uma descrição de casa indígena: “os aborígenes mantêm nos seus túrgios uma perene lareira, ao pé dos leitos pênseis...”

2) A *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira, no fim do século XVIII, com dois desenhistas, deixa importante desenho de uma enorme casa de índios *Curutú*, do Rio Negro, proporções gigantescas com dois andares.

Alexandre pode ser situado como uma vertente para o período seguinte:

3) Os *Naturalistas Viajantes*, vai desde a Missão Francesa de 1816 e a seguir cientistas de muitas nacionalidades e disciplinas, visitam-nos expedições científicas que procuram conhecer o desconhecido e, assim, vamos ter de muitos sábios e artistas, Debret, Rugendas,

Langsdorff, Florence, o príncipe Wie-Neuwied, o barão Alexandre Humboldt (1769-1859), Goeldi (1859-1917). São franceses, alemães, russos, italianos...

Pouco se interessaram pela forma de morar nativa; mas pela fauna, flora e geologia.

4) A seguir eu colocaria os estudos de antropólogos, arquitetos, historiógrafos, arqueólogos, sociólogos, geólogos, biólogos, botânicos, contemporâneos, do século XX, que se interessaram pelo estudo das nossas formas de habitação indígena.

Concluo este resumo com algumas observações gerais, para posterior desenvolvimento em quatro áreas:

1) *Oikos*; a eco-casa; a necessidade de uma abordagem no Brasil, ecológica quanto às nossas condições tropicais de clima, como unidade geral e suas regiões específicas, devido às nossas proporções continentais.

2) *Ekistika*; fundação da cidade, quanto à implantação da casa enquanto componente do povo ou praça e o seu questionamento ancestral com as suas raízes culturais.

3) *Técnica*, tomando como modelo a *tékne* = arte, com exemplos/ extremos de construção:

a) as casas de pau, palha, barro em terra arenosa, quente, generalizada e ironicamente ou gosativamente chamada de *maloca* pela FUNAI. Questiono: cada nação indígena na sua própria língua não tem uma palavra para casa? O termo *oca* é desconhecido por mais de 150 ou 170 línguas, hoje ainda existentes;

b) as casas de pedra semi-subterrâneas, em terra seca e fria (restritas ao planalto nordeste do RGS);

c) palafitas, solução muito apropriada às regiões de grandes/ lagos e largos rios. Muito difundida na favelização amazônica e paraense, com exemplos até mesmo em São Paulo;

d) cabocliização: largamente progredindo, apesar da destruição/ de inteiras nações indígenas — como a Kariri no Ceará, que deu origem a 16 municípios — e a sua persistência ou sobrevivência (real, não fantasma) na tecnologia, por exemplo, do uso da carnaúba em algumas regiões nordestinas.

Não foram valorizados até hoje os materiais da terra. A ocidenta-

lização foi imposta de forma brutal. A expulsão dos indígenas de suas terras e o arrebanhamento para evangelização — montando feitorias militarizadas em terras não habitadas ou missões jesuítas sobre ou junto a territórios habitados — criaram problemas não superados até hoje. Etapas de colonização e ciclos econômicos se sucederam descaracterizando e interiorizando tribos litorâneas e posteriormente as dos sertões. Em 1977, na sua última entrevista, o sertanista, indianista e brasilianista Telésforo Martins Fontes, quando se preparava para pacificar os índios Araras — revoltados contra a construção da Transamazônica — dizia a respeito dos *Pataxó* em 1934: “Os Pataxó constituíram pequenos bandos errantes. As constantes fugas aperfeiçoaram neles os métodos de despistamento. Viviam tomados de verdadeiro pânico dos civilizados.” (*Revista Atualidade Indígena*, set./out. — 1977).

O regimento de Tomé de Souza especifica que se trazia pedreiros, caieiros, canteiros, taapeiros, etc. em 1549 demonstrando que não se sabia das potencialidades da terra, devendo portanto fazer vários experimentos.

A habitação indígena brasileira — de materiais aparentemente modestos, mas ecológicos — para avançar na questão arquitetura, constrói apenas com materiais intrinsecamente não considerados nobres, em condições muito especiais em todo nosso território. Embora grande, a terra, nossas nações indígenas se adaptaram e desenvolveram aldeias, inter-relacionadas em redes, compondo cacicados em fase pré-urbana, embora em fase de ultrapassar a idade neolítica — não foram respeitados, sendo tratados como simples selvagens ou primitivos, embora possuindo nações poderosas, línguas e culturas que procuraram por em contato com os recém-chegados. Reconheçamos que também as nações em plena revolução urbana, de importante arquitetura como a maia, asteca ou inca, foram destruídas.

Para finalizar, sintetizaria os valores arquitetônicos da habitação indígena brasileira.

Gostaria de tentar fazer uma síntese não, muito extensa daquilo que se poderia chamar de ‘características gerais da arquitetura indígena brasileira’ quanto a programa e plástica construtiva de suas casas e aldeias.

— Um círculo mais compacto, mais fechado, com grandes casas, número pequeno e concentração no centro das construções cerimoniais. (Fig. 2)

Anotações principais sobre a casa:

- a. Casas = forma elíptica.
- b. Cobertura: arredondada se prolonga até o chão, é de sapé.
- c. Não há divisões internas. Nem distinção entre teto e parede.
- d. Revestimento interno: é feito de barro, dando como resultado uma técnica semelhante ao pau-a-pique sobre varas curvas amarradas entre si com cipós, na parte inferior com uma parede baixa construída com pequenos segmentos de troncos de árvore.
- e. Portas: duas opostas e baixas.
- f. Medidas médias 20m x 10m; Altura: 6-7m.
- g. Estrutura: fundamentada em dois esteios centrais no eixo principal da “elipse”, verticais para sustentação da cumieira do teto. (Fig. 3 e 4)

Anotações sobre a aldeia:

a. O *pátio*, ou *praça circular*, é completamente limpo, sem qualquer vegetação.

b. Numa das extremidades de um “eixo” que a divide em duas partes ergue-se a *gaiola do gavião real*: é cônica, com 5 metros de altura. A ave é tratada com especial cuidado, mas não lhe prestam nenhum culto religioso. Esta gaiola cônica é comum em quase todas as aldeias do Alto Xingú, na área do “uluri”.

c. *Sepultura dos Caciques*: no mesmo eixo principal da aldeia está localizada a sepultura dos velhos caciques, de forma retangular, com as cabeceiras arredondadas, cercada com grossas estacas com mais de um palmo de altura, amarradas entre si com embiras.

d. *Casa das Flautas*, ela está situada à direita da gaiola do gavião. É o local onde se reúnem os homens para cultos de iniciação, festas, danças e outras cerimônias religiosas. Aí se celebram todos os atos da vida social e religiosa da tribo [aí e a partir daí].

Observações de Câmara Cunha:

“No interior de uma casa Kalapalo nota-se uma promiscuidade desordenada”: Redes de dormir, amarradas nos dois esteios centrais, dispostas em leque, com as outras extremidades presas a esteios laterais. São armadas uma sobre a outra: a do homem é a de cima. Ao lado de cada rede é aceso um fogo. Em traves longitudinais são suspensos os pertences: arcos, flechas, ornamentos, cestas, cabaças, amarrilhos etc.

Jiraus = no meio da casa erguem-se os ‘jiraus’, ou várias plataformas, sobre os quais se armazenam cestos com massas de mandiocas e outros alimentos.

Em volta panelões de barro, esteiras, cestas quadradas, “pequenos bancos de pau em forma de animais”, abanos de palha, peneiras, chapas redondas de barro (para fazer beijú de mandioca), pilões e mãos de pilão, pás de beijú, carvão e cinza espalhados, côcos quebrados, fusos com linha, panelinhas com resto de comida, potes e cuias”.

Cúpula = completamente enegrecida pela fumaça, da qual pendem pedaços de teias de picumã (teias de aranha envelhecidas pela fuligem).

Tapirapé

A Planta de Aldeia de 1935 mostra uma conformação desordenada, aparentemente. (Fig. 5)

Böroro

Aldeia e casa: em primeiro lugar uma observações sobre o uso

indiscriminado de palavras tupi-gurani (*nheêngatú*: língua boa, idioma corrente do bom cantor, o canário; ao contrário do *nheêngaíba* = língua/fala incompreensível — Theodoro Sampaio, 1970).

OCA = CASA (cabana); TABA = ALDEIA (praça)

e

MALOCA: originalmente é “casa de guerra”, casa forte, uma ranchada de índios (Theodoro Sampaio, 1955) que passou a ser um termo depreciativo, popularmente “uma casa véia” um palacete assobradado”... porém abandonado (in Adonyran Barbosa, Saudosa Maloca)... palavra erroneamente empregada pela imprensa, e até por arquitetos como sinônimo de ‘casa grande’, devido ao fato de as casas reunirem famílias no seu interior (e não como “imagem concreta da respectiva organização social”, que deve ser a casa, termos de Egon Schaden, 1969).

Convém recordar que ao sermos ‘descobertos’, tínhamos 400 línguas e hoje, somente, coisa da ordem de 150 a 170 [não sei exatamente] em cada uma dessas línguas existe uma palavra específica para casa e aldeia.

Aqui, chegando aos Bororo, não podemos esquecer Renate Brigitte Viertler (1976) com a sua importantíssima contribuição quanto a *As aldeias Bororo: alguns aspectos de sua organização social*, nem quanto a *Enciclopedia Bororo* de Albisetti e Venturelli — 1962 e 1969.

Através de palavras se pode visualizar arquitetura, quando Renate Brigitte Viertler (1976) define com precisão, termos ou conclusões:

ALDEIA = E-IÁO; *iáo* = o antes

e = o depois, o adiante

PÁTIO = BÖRORO

CASA = É-D A ; *é* = existência

dá = ‘lugar’ da existência (sufixo local) significando: MORADA

CHOUPANA = BA’I = choupana de fustes e folhas de palmeiras aberta em um dos oitões.

Bá = aldeia Bororo, estojo peniano.

Ba'i-ía = cerca de folhas (pequeno tabernáculo).

Bái = casa-dos-homens, no centro da aldeia (Fig. 6 e 7).

Quase tudo roda em torno dos próprios materiais de construção, fustes e folhas de palmeiras, madeiras e as suas formas de emprego nas casas além da hierática disposição delas na aldeia circular com as casas dispostas de acordo com as espécies clânicas.

(BÖRORO) — Ainda de acordo com Renate Viertler o BOE-E-WA é a topografia do prestígio social, estabelecida à partir da orientação magnética; casas sem janelas, apenas com duas portas: uma de entrada e outra de saída; uma para a vida e outra para a morte.

Os *Kamaiurá*, também no Xingú, têm casas semi-cilíndricas dispostas em pátios elípticos.

Casas de 20 a 25m x 15m (compr. x larg.).

5 a 8m de altura.

De acordo com estudo publicado na revista *Índios do Xingú* (Fund. Roberto Marinho, s/data) pelos arquitetos Luis Otávio Chaves e Paulo B. Magalhães, com o título "Construção da Maloca Kamaiura" no qual se pode sentir bem o que está colocado no desenho esquemático que o acompanha. (Fig. 7 e 8)

Questiono, agora, o que se pode, ainda, aproveitar da nossa arquitetura indígena? Depois de tantos estragos causados pela civilização européia?

A caboclicização, a favelização e algumas propostas eruditas mostram indícios progressistas do seu renascimento depois de terem destruído tantas nações.

Acredito, assim, me apropriando de algumas palavras de Jacques Derrida, não ter falado apenas do fogo e das cinzas, porém, também, do *espírito* que ainda sobrevive em toda a extensão da nossa terra, perpetuando a tradição da nossa arquitetura nativa.

Para finalizar lembro Egon Shaden (1969) quando diz: "É notório que provavelmente em todas as culturas o tipo de habitação e a forma

de sua disposição em núcleos maiores é até certo ponto uma '*imagem concreta* da respectiva organização social'. As mudanças que nesta se verificarem não poderão, por conseguinte, deixar de refletir-se na *arquitetura* e na *planta* das aldeias ou *idades*. As tendências gerais da aculturação indígena em território brasileiro correspondem, assim a *substituição* do tipo tradicional do rancho, da casa ou da maloca por construções à maneira cabocla, que também já não obedecem à disposição ou arranjo segundo o antigo padrão".

ABSTRACT: *Brazilian indian architecture*. — This communication intended to rescue researchs and notes developed on FAU-USP as master in Brazilian Architecture History. The approach is an historic and anthropological appreciation of the architecture ours differents indian nations, to hoping stimulate the theme by comemorations in 1992, 500^o year of the Americas discovery.

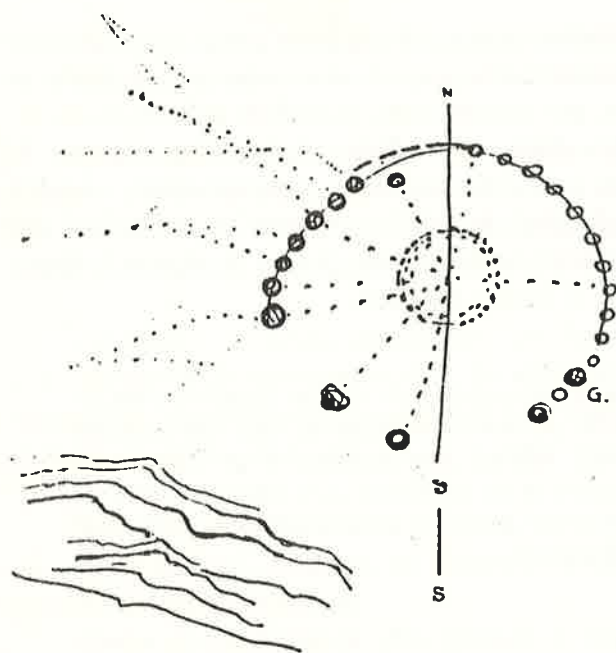


Figura 1

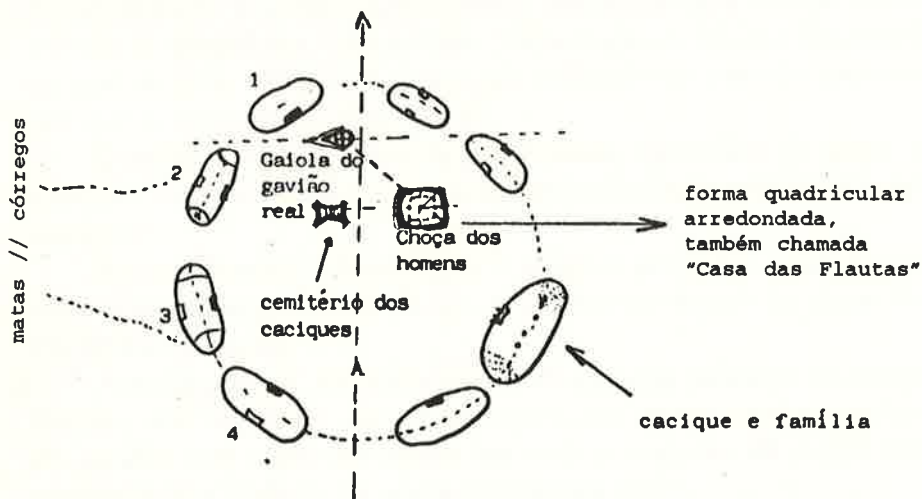
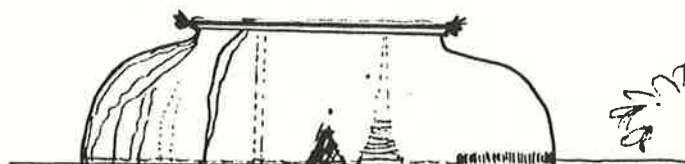


Figura 2 — Esquema das aldeias (8 casas) a 15 km do rio Kuluene, existe uma aldeia maior no meio de uma floresta ± à mesma distância da margem.



CASA KALAPALO

Figura 3

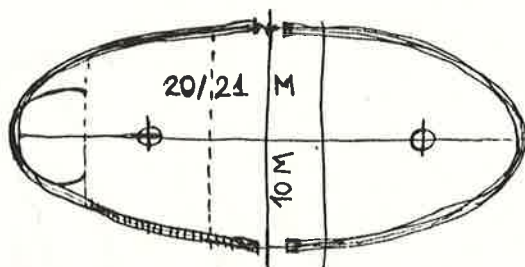


Figura 4 — Planta da casa

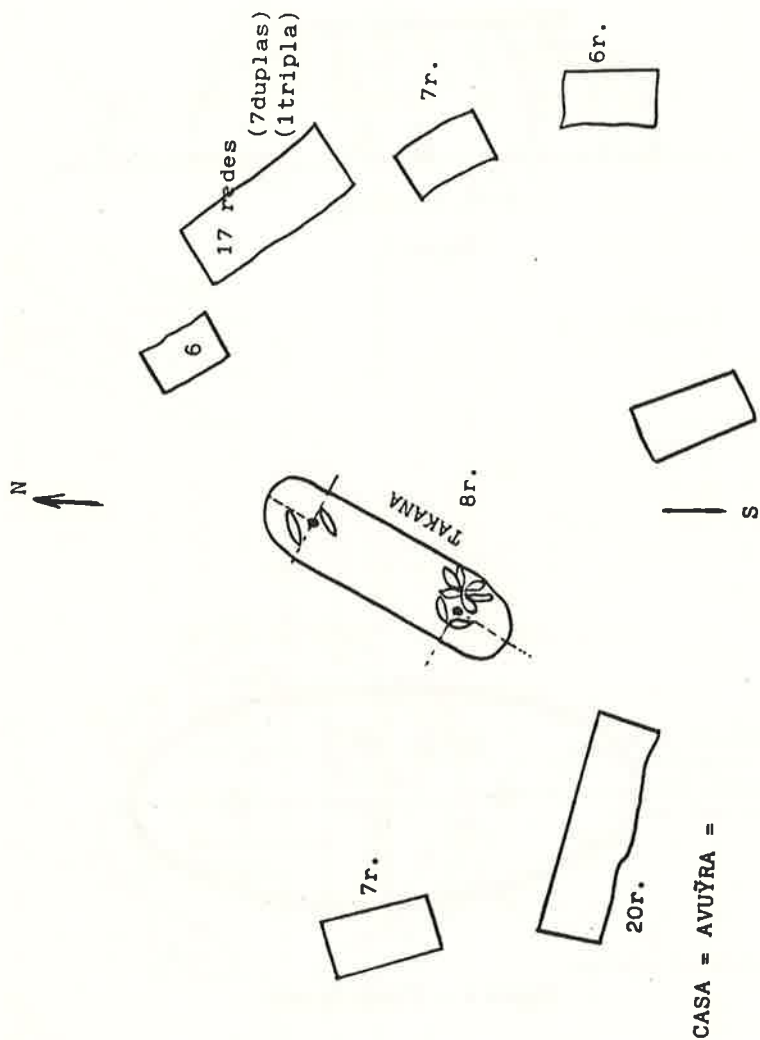


Figura 5

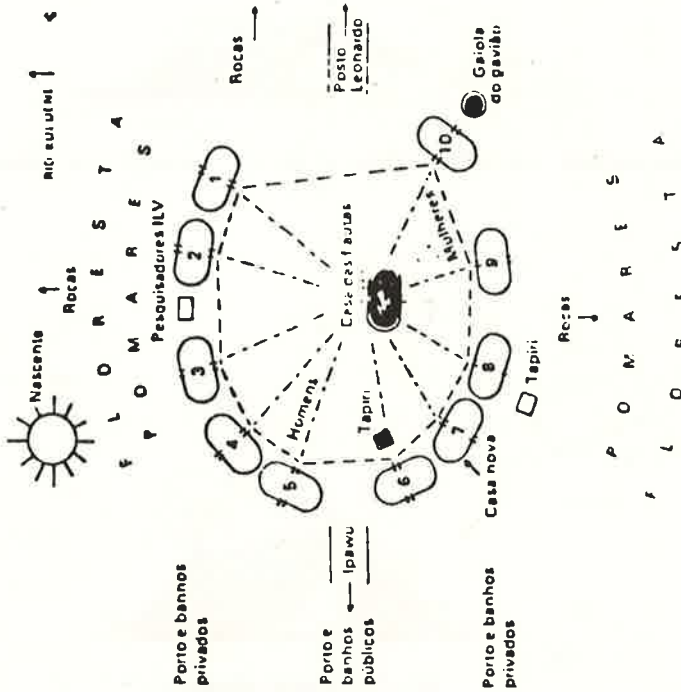


Bái-mana-gejéwa (choupana sobre o pátio. Reserva aos homens púberes)



Bái (choupana aberta)

Figura 6



Tudo converge para o centro da aldeia

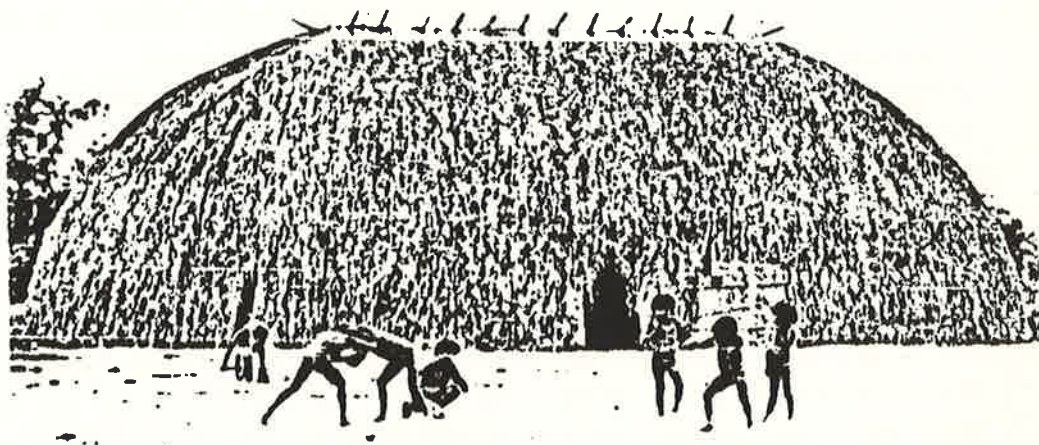
Piuntã de eldãria komatãré, no mizãras da Larã de Ipaãwã. O posto Leonardo, Vilas Boas, da Funã da-lhe existãncia

Figura 7

Kamayurá-construção da casa



A maloca é toda recoberta de sapé e as ligações entre as madeiras são apenas laçadas e trançadas de embira. No entanto, ela é muito resistente.



Kamayurá-casa já pronta (fotos do artigo citado)

Figura 8